



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**AS AMAZÔNIAS DE GASTÃO CRULS: FICÇÃO, MEMÓRIA E  
HISTÓRIA EM TRÊS PUBLICAÇÕES**

Larissa Kashina Rebello da Silva\*

Gastão Cruls foi sanitarista de formação, mas dedicou a maior parte da carreira à escrita. Nascido no Rio de Janeiro, viveu entre 1888 e 1959. Este artigo aborda três publicações do mesmo autor: *A Amazônia misteriosa*, de 1925, *A Amazônia que eu vi*, de 1930, e *Hiléia Amazônica - aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígenas*, publicada em 1944.

Respectivamente, tratam-se de um romance, um diário de viagem, baseado em uma expedição da equipe do General Rondon para a fronteira com a então Guiana Holandesa, atual Suriname, e o terceiro, em que “pensou o autor realizar um álbum em que se assinalassem alguns dos aspectos mais peculiares à flora, fauna, arqueologia e etnografia indígena da mesma região.”<sup>1</sup>, que contou com a colaboração de botânicos, zoólogos, geólogos, e ilustradores, e fontes de informação sobre a fauna, a flora, e o homem.

\* Licenciada em História em 2005 pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. É mestre em teoria do cinema pelo Queen Mary College, University of London (2009). Atualmente coordena o projeto de publicação “Dicionário Histórico Morelli”, referente ao acervo particular do bibliófilo José Vicente de Carvalho Morelli.

<sup>1</sup> CRULS, G. *Hiléia Amazônica - aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígenas*. 3. ed., Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1958. Prefácio, x.

Os principais influenciadores de sua obra foram H.G. Wells, especialmente com *A Ilha do Dr. Moreau*, de 1896, Euclides da Cunha e *Os Sertões*, de 1903, Alberto Rangel, autor de *Inferno Verde*, de 1908, e, arrisco sugerir, Júlio Verne, com sua obra *A jangada: oitocentas léguas pelo Amazonas*, publicada na França, em 1881, em que a viagem do narrador segue uma trama folhetinesca de perseguição por vilões, como observa Gabriela Pellegrino Soares (2009).

Gastão Cruls publicou as três obras no período de maior efervescência do modernismo. Foi contemporâneo de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade, que propunham a não distinção de valor entre os tipos de culturas estudadas<sup>2</sup>. Ainda assim, Cruls tem claramente, uma orientação positivista, influenciada pelo romance de aventura e ficção científica.

O argumento do artigo é que o autor, a despeito de sua cronologia literária que parte do ficcional para o não-ficcional, trabalha de forma pouco usual e não linear, aspectos de interesse primário do historiador da cultura e da literatura: o papel do sujeito, a questão documental e, principalmente, suas premissas teóricas.

## LITERATURA E HISTÓRIA

Antonio Cândido, em *Literatura e Sociedade* sugere que, quando se pergunta qual é a influência do meio social sobre a obra, deve se perguntar qual é a influência da obra sobre o meio social. (1965, p. 22-23) A afirmação de Cândido nos encaminha a duas perguntas: Gastão Cruls respondia diretamente aos valores de seu entorno? E: quanto valorizado era o seu público leitor?

Paul Veyne defende uma “história contínua”, livre das unidades de tempo e lugar, com liberdade de corte (1982, p. 146). Veyne, então, defende uma narrativa no campo da história que é mais próxima da literatura.

<sup>2</sup> Exemplo interessante encontra-se no trecho de uma carta escrita por Mário de Andrade para Câmara Cascudo: "Tem momentos em que eu tenho fome, mas positivamente fome física, fome estomacal de Brasil agora. Até que enfim sinto que é dele que me alimento! Ah, se eu pudesse nem carecia você me convidar, já faz muito que eu tinha ido por essas bandas do Norte visitar vocês e o Norte. Por enquanto é uma pressa tal de sentimentos em mim que não separo e nem seleciono. Queria ver tudo, coisas e homens bons e ruins, excepcionais e vulgares." Ararquara, 26 de junho de 1925, in MORAES, Marcos Antonio de (Org.) *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. São Paulo: Global, 2010, p. 47-50.

No caso do autor estudado aqui, encontra-se um escritor de ficção que busca o rigor acadêmico e a verdade científica, em movimento oposto ao proposto por Veyne. Para escrever *A Amazônia misteriosa*, o autor baseou-se totalmente em estudos científicos e ilustrações, não tendo conhecido pessoalmente o lugar onde a trama se ambientava e, posteriormente, em *A Amazônia que eu vi*, colocando-se na posição de testemunha com credibilidade; em *Hiléia Amazônica*, novamente, Cruls oferece o retrato “mais rico possível”, em que se distancia da fluidez literária, pela preocupação com a completude e a veracidade.

Para Veyne, “A história é anedótica. Ela interessa porque narra, assim como o romance. Apenas, distingue-se do romance num ponto essencial: “[...] aqui o romance é verdadeiro, o que o dispensa de ser cativante.” (1982, p. 15)

Cruls se vê nesta encruzilhada da narrativa cativante, nas três obras, e se escusa diante do leitor em *A Amazônia que eu vi*. No início do livro, ensaia a descrição de uma paisagem entediante: “a vegetação de sua margem direita, aliás, apenas espessa tarja, toda feita numa só tinta, de um mesmo verde sombrio e empastado” (1938, p. 15), e novamente, doze páginas adiante: “Tanto o Trombetas como o Cuminá são rios de água preta, isto é, *famintos*: pobres de caça e pesca. Se isto não é animador para quem os vae percorrer, resta o consolo de saber que essa penúria se estende também aos mosquitos e outras pragas”. (1938, p. 27)

Mas o relato que segue é uma descrição detalhada e interessante dos acidentes ao longo do rio. Bem diferente do enfadonho enfatizado em *Hiléia Amazônica*... e prevenido no próprio *A Amazônia que eu vi*.

Outra premissa aqui relevante de Paul Veyne é que “só a verdade interessa ao historiador” (1982, p. 15). Cruls, então, estaria sob a égide da história, ao ver a necessidade de escrever *A Amazônia que eu vi*, em que valoriza os relatos verídicos de um diário à ficção, depois retornando a uma valorização do acadêmico, em *Hiléia amazônica*. Cruls parece ainda concordar com Veyne, (fazendo-se um exercício anacrônico), que coloca que “[O] limite da objetividade histórica [...] é, pois, a variedade de experiências pessoais [do historiador].” (1982, p. 79)



No posfácio de *Os Sertões*<sup>3</sup>, Ênio Squeff nos lembra que Canudos teve importância histórica de fato, pois morreram em luta, mais de 20.000 pessoas – os livros de Cruls não têm o evento, ou fato, como matéria.

A *Amazônia misteriosa* é uma narrativa de caráter utópico. Na acepção de Franklin Leopoldo e Silva, a utopia é produzida pela “constatação daquilo que está ausente na experiência vivida”. Após finalizar aquela obra, Cruls mostra-se pouco a vontade para continuar explorando as potencialidades ficcionais, passando a buscar conhecimento objetivo, que preenchesse esse espaço faltante que é o da utopia, através do testemunho pessoal em *A Amazônia que eu vi* e de vasta consultoria em *Hiléia Amazônica*.

Um exemplo da sua ânsia por preenchimento de lacunas, é a bibliografia do primeiro capítulo de *Hiléia Amazônica*, que conta com 73 autores.

Ainda assim, Cruls termina o prefácio de *Hiléia...* (1958, xv) penalizado, admitindo que no caso do romance, as “liberdades inerentes ao gênero, permitiram reunir, numa área restrita, todos os leitmotivos das paisagens amazônicas. Aliás, ainda aqui, apenas nisso se transgrediu a veracidade dos cenários”.

Liberdades essas utilizadas nas descrições de paisagens dos livros anteriores.

Retomando a colocação inicial de Antonio Cândido sobre o posicionamento de um autor, pode-se afirmar, com certeza, que Cruls se projeta em seu meio como intelectual “civilizado”.

Interessantemente, a historiografia sobre o Brasil Colonial entre as décadas de 1930 e 1980, identificava-se com a visão dos vencedores, e portanto os estudiosos apresentavam o empreendimento conquistador principalmente pelo viés da aventura e heroísmo dos conquistadores europeus na Amazônia<sup>4</sup> – Cruls alinhava-se, definitivamente, às vertentes acadêmicas de pesquisa sobre história e antropologia, da visão dos vencedores. Todavia, mostrava-se também aberto, progressivamente, ao aprendizado e a ideias que substituíssem as suas convicções anteriores. O autor se permite

<sup>3</sup> SQUEFF, Ênio. “Os sertões”: o real como obra de arte. In: CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Círculo do Livro, 1992, p. 487.

<sup>4</sup> UGARTE, A. *O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos* (séculos XVI e XVII). 2004. 366 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 14.

assumir erros cometidos nas suas obras, perseguindo o objetivo de “melhorar sempre”, o que faz parte do direcionamento positivista.

Em *Hiléia Amazônica*, já há características da antropologia crítica no discurso, quando o autor diz que os ameríndios ensinam os brancos e os negros a viver, que Von Martius se contradiz ao enumerar mais de cem espécies já antes aproveitadas pelos indígenas (1958, p. 27-28) e o lamentar da perda de línguas indígenas pelo relacionamento dos colonizadores com os índios (p. 263). O autor se opõe abertamente à diferenciação preconceituosa entre grupos indígenas.

No prefácio de *A Amazônia que eu vi*, Roquette Pinto enfatiza: “Desejo salientar particularmente: a erudição científica que o autor soube polvilhar nas suas notas de maneira realmente feliz”. (1938, p. 11)

O termo “polvilhar” enseja uma ideia de aplicação posterior de “conhecimentos científicos”, ou seja, de informações fornecidas pelo escritor, para obter maior credibilidade junto ao seu público leitor, mas sugere que o cientificismo não está na ontologia mesma da narrativa como um todo. Este termo pode nos sugerir que o autor valorizava sempre o seu público, acima de qualquer rigor acadêmico e, portanto, tendo identificado que este teria interesse pelo naturalismo e pela etnografia, procurou se instrumentalizar.

Cruls também admite, em *Hiléia Amazônica* (1958, xii), “ser quase um leigo” nas disciplinas pesquisadas, sugerindo que quanto mais se estuda o tema, mais se dá conta de que se sabe muito pouco sobre ele. Esta poderia ser uma metáfora do conhecimento acadêmico, ou seriam traços de modernidade?

### **O INTERESSE DO LEITOR DE CRULS**

As mudanças de direcionamento estilístico nas obras respondem à recepção do público e suas novas demandas.

No início de *Hiléia amazônica*, o livro mais recente, o narrador convida o leitor a se embrenhar nas matas, subindo os rios com uma ‘canoinha’ “para se ter uma impressão mais exata do que é a flora amazônica” (1958, p. 10).

Aqui, claramente, o autor pretende oferecer uma leitura palatável, e uma proposta de sair da rotina, ao indicar que o leitor fará um percurso imaginário cheio de visualidade, possibilitada pela descrição detalhada e as ilustrações.

Apartes de linguagem livre são feitos para quebrar o fluxo da leitura, que poderia desinteressar o leitor leigo: "Essa mata, de árvores não muito altas e folhagem miúda, tem um rosto bastante severo, trai qualquer coisa de sombrio e misterioso." (1958, p. 14)

A ideia de que a floresta era um local sereno onde se podiam apreciar as belezas da natureza, noção romântica europeia, ainda presente nas descrições do entorno do narrador em *A Amazônia misteriosa*, muda nas duas obras subsequentes.

O estilo da narrativa na ficção *A Amazônia misteriosa* é mais solene, e ao mesmo tempo mais carregado de fatos ocorridos, como a emboscada da vara de porcos, a revoada de papagaios, araras e tucanos, em parágrafos consecutivos, e a sondagem do acampamento por onças, apenas dois parágrafos adiante. (1925, p. 13) O ritmo de *A Amazônia que eu vi* é mais fluido e espaçado, talvez pela intimidade que os expedicionários tivessem com o meio. Neste livro, uma passagem (1938, p. 48) apresenta como fora do comum, algo que no anterior, seria banal: "A nota sensacional do dia foi dada por um sapo, morto pelo Benjamin. Media um palmo graúdo de corpo e, com os membros distendidos, era qualquer coisa como um feto monstruoso e hydrópico. Teve honras de lata com formol, e ha de findar no Museu".

### **O NARRADOR COMO TESTEMUNHA OCULAR DA HISTÓRIA**

O diário, que é *A Amazônia que eu vi*, inicia-se com a seguinte inscrição (1938, p. 15):

"1928 — 13 de setembro — A partida estava marcada para as treze horas..."

Neste livro, o autor inicia o relato com uma observação sobre o transporte, que é um barco com motor a gasolina. A noção idílica do transporte em canoa, mencionado anteriormente é anulada no primeiro momento. O tom da história é dado imediatamente e o autor é sujeito da trama.

O narrador de Cruls em *A Amazônia que eu vi*, espelha o autor que viveu a expedição. No período das primeiras entradas na Amazônia, no séc. XVI, o caráter



testemunhal das crônicas é essencial. “Elas resultavam da participação direta do cronista no evento narrado, sendo ele protagonista ou testemunha ocular”, nos informa Auxiliomar Ugarte, pesquisador de história colonial (2004, p. 30). – O nosso narrador é uma testemunha, com status de conquistador.

Mas Cruls parece ter identificado o perigo da incursão aventureira pela história testemunhal, que, como lembrou Sílvio Marcus de Souza Correa<sup>5</sup>, incorre no fato de que

estes relatos são tomados por “histórias” e, por conseguinte, acabam dispensando o historiador. Este é, muitas vezes, visto como *persona non grata*, um intermediário entre o informante e o leitor que esteriliza as informações, desvitaliza a narrativa com suas teorias sociológicas ou antropológicas e com suas problemáticas que, em geral, não interessam ao leitor comum.

Em fase mais madura, da publicação de *Hiléia amazônica*, em 1944, o autor explicita um aspecto muito interessante e importante da comparação de suas três obras: que o “real”, como apreendido e contado pela testemunha ocular da história, é enfadonho, enquanto o ficcional é fantasioso é atraente.

Note-se a primeira descrição da paisagem em *A Amazônia misteriosa*, o romance de ficção (1925, p.11): “É magnífica a gradação dos verdes, quando se alcança com o olhar um longo trecho da faixa de vegetação que borda o rio dos dois lados.”

Interessantemente, *A Amazônia misteriosa* já enseja a crítica à “mesmice” da mata, mesmo que o estilo da narrativa busque, ao longo de todo o livro, o inusitado e intrigante: “1-1-191<sup>6</sup>...veio-me o desejo de saber de cór, para podel-os recitar aqui, a ceu aberto e junto da floresta primitiva, os bellos versos de Byron, na sua *Oração à Natureza*. Mas voltemos à mesmice dos nossos dias”. (1925, p. 29)

A expedição até a serra do Tumucumaque, foi, segundo o autor, em *Hiléia Amazônica*, decepcionante, pela escassez de pescados em seus rios e de caça nas matas. E faz uma retrospectiva de suas duas obras anteriores, que se ambientam na Amazônia (1958, p. xiii-xiv): “Essas paginas respondem àqueles que supuseram o autor desapontado ante a Amazônia que seus olhos viram, em comparação com aquela outra por êle

<sup>5</sup> CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Evidências de História nos Relatos de Viajantes sobre a África Pré-Colonial. *Aedos*, Porto Alegre, v.1, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/9809/5600>>. Acesso em 05 out. 2014.

<sup>6</sup> Indicação de data, sem o último dígito que enuncia o ano. O autor pretendeu, na ficção, reproduzir o estilo do diário da forma mais realista possível, mas sem enunciar data específica.

anteriormente imaginada, e que lhe serviu de cenário a um romance. Nada disso aconteceu”.

Cruls, como nos informa Regina Salgado Campos (1992-93, p. 27-33), influenciado pela leitura de André Gide, esforça-se para apresentar no diário, como este, em primeira pessoa, o vivido, mais do que a memória, tendo concluído que o vivido tende a aguçar mais o interesse do leitor, do que a memória.

No entanto, o retorno de Cruls à não-ficção em *Hiléia Amazônica*, é instigante. Mesmo depois da conclusão de que a ficção provavelmente é mais agradável ao público, ávido por relatos testemunhais, o autor, após a expedição, entra em um ponto de não retorno, em que, eticamente, torna-se irresponsável escrever ficção (principalmente científica) após ter “tomado conhecimento” de seu objeto na realidade. Sua opção, portanto, foi atrair um público específico, interessado, e escrever um grande manual explicativo.

Aqui, o autor volta ao estilo naturalista-positivista, ao gosto euclidiano, seguro de que é mais interessante o historiador que tem maior erudição.

### A IMAGEM COMO DOCUMENTO

As discussões entre “positivistas” – que acreditam que a imagem pode trazer informações do mundo exterior – e “estruturalistas” – que não acreditam nessa capacidade – é um diálogo de surdos, opina Peter Burke. Este autor e seus seguidores, no âmbito do status de documento da imagem, estão mais preocupados com “graus ou formas de confiabilidade para propósitos diferentes, do que concentrados em categorizar a imagem de forma definitiva”. (2004, p. 233)

Nas obras de Cruls, as imagens têm status diferentes: em *A Amazônia que eu vi*, um mapa anexado na primeira página reforça a credibilidade do relato. Já as 48 ilustrações em *Hiléia Amazônica*, são apresentadas como “espelho do real”<sup>7</sup> quando, na verdade, foram encomendadas pelo próprio autor, criadas com base em suas descrições e produzidas sem terem sido efetivamente vistas in loco pelos aquarelistas. Estas, portanto, não podem complementar a narrativa como documentos. É interessante que o livro mais

<sup>7</sup> “Era indispensável comprovar, por uma iconografia rica e policrômica, a curiosidade e a beleza do material que vinha sido descrito e era o principal motivo dos quatro ensaios enfiados no volume.” CRULS, G. *Hiléia Amazônica*, 1958, v. 2, ix.



acadêmico de Cruls tenha em suas imagens provavelmente o elemento mais livre da narrativa.

### CONCLUSÃO

Concluo a reflexão propondo que a análise das três obras de Gastão Cruls contribuem para o estudo das relações entre literatura e história, na medida em que este foi um escritor que transitou pelas premissas de ambos campos do saber. Este autor procurou, tanto em obras ficcionais quanto não ficcionais, ser um cientista social que preenche lacunas, mas que, de forma não linear, apresenta em sua obra, características da modernidade. A presença de aspectos positivistas e modernos, ao longo de sua carreira, colabora com a conclusão de que não há teleologia no percurso construtivo de um autor, mesmo de um autor que busque a erudição.

É oportuna a citação de Paul Veyne (1982, p. 122) de que: “o erro eterno é crer que a ciência é o duplo do real e que nos deve devolvê-lo numa versão melhorada.”

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURKE, P. **Testemunha ocular**: história e imagem. São Paulo: EDUSC, 2004.
- CAMPOS, R.S. A noiva brasileira de Oscar Wilde ou Gastão Cruls, um leitor de André Gide, **Língua e Literatura**, São Paulo, n. 20, p. 27-33, 1992-93.
- CORREA, S.M.S. Evidências de História nos Relatos de Viajantes sobre a África Pré-Colonial. **Aedos**, Porto Alegre, v.1, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/9809/5600>>. Acesso em 05 out. 2014.
- CRULS, G. **A amazonia misteriosa**. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1925.
- \_\_\_\_\_. **A amazônia que eu vi**: Óbidos-Tumucumaque, 2. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- \_\_\_\_\_. **Hiléia amazonica** - aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígenas, 3. ed., Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1958.
- FRANCO, A.C. **Literatura e sociedade**: estudo de teoria e história literária, São Paulo: Editora Nacional, 1965.
- MORAES, M.A. (Org.). **Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944**. São Paulo: Global, 2010.

RANGEL, A. **Inferno verde**: cenas e cenários do Amazonas. Tours: Typographia Arrault, 1927.

SILVA, F. L. **A motivação ética da utopia: um mundo melhor é possível**. A reorganização política, técnica e científica da sociedade. São Paulo: Casa do Saber, 2012. Disponível em: <http://casadosaber.com.br/sp/media/mediauploader//u/t/utopia%20e%20distopia.pdf>. Acesso em 10 out. 2014.

SOARES, G. P. Amigáveis trópicos, Rio de Janeiro: **Revista de História**, 2009. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=2385>. Acesso em 20 out. 2014.

SQUEFF, E. “Os sertões”: o real como obra de arte. In: CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Círculo do Livro, 1992. p. 487-494.

TONI, F.C. **Missão**: as pesquisas folclóricas. Revista USP, São Paulo, n.77, p. 24-33, março/maio 2008. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/77/03-flavia.pdf>. Acesso em 21 out. 2014.

UGARTE, A.S. **O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos** (séculos XVI e XVII). 2004. 366 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VERNE, J. **A jangada**: oitocentas léguas pelo Amazonas. De Roterdã a Copenhage a bordo do iate Saint-Michel por Paul Verne. São Paulo: Planeta, 2003.

VEYNE, P.M. **Como se escreve a história/Foucault revoluciona a história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

WELLS, H.G. **A ilha do Dr. Moreau**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.



**História Cultural**